



Artigo Original

Etnografia institucional: conceito, usos e potencialidades em pesquisas no campo da Saúde

Institutional Ethnography: concept, uses and potentialities in health researches field

Renata Meira Vêras¹

¹ Universidade Federal da Bahia

RESUMO – A Etnografia Institucional (EI), desenvolvida pela Canadense Dorothy Smith, vem sendo utilizada para pesquisas no campo da saúde, enfatizando a análise das relações de poder que conformam as práticas cotidianas em instituições de saúde. Esse artigo teve como objetivo apresentar essa metodologia, relativamente nova no Brasil, através de dois desdobramentos: a conceitualização da EI, suas formas de aplicação e utilização nas pesquisas em instituições de saúde; e a apresentação dos aspectos metodológicos de uma pesquisa baseada na EI realizada no Programa Canguru da Cidade de Natal, RN.

Palavras-chave: Etnografia; Poder; Instituições de Saúde.

ABSTRACT – The Institutional Ethnography (IE), developed by the Canadian Dorothy Smith, has been used in researchers of health fields, emphasizing the analysis of power relations that regulate the everyday practices in health institutions. This article aimed to present this methodology, relatively new in Brazil, through two steps: the IE conceptualization, its application in the institutional health researches, and the presentation of methodology aspects of a research based on IE developed in Kangaroo Program in the Natal City, RN.

Keywords: Institutional Ethnography; Power; Health Institutions.

1. INTRODUÇÃO

Pesquisadores da área biomédica vêm reconhecendo as dificuldades em analisar seus estudos através da metodologia quantitativa tradicional¹. Enfatiza-se que a abrangente área médica não consegue prescindir da problemática social, uma vez que o corpo humano está permeado pelas determinações das condições, situações e estilos de vida². Igualmente, os estudos socioculturais acerca da saúde e doença e dos conceitos de normalidade e patologia também contribuíram para as mudanças metodológicas no campo da saúde^{3,4}.

Nesse sentido, a pesquisa em saúde vem sendo desenvolvida a partir do olhar das ciências sociais, e da antropologia em particular. Essa mudança de perspectiva pode ser atribuída, em parte, à importância dada atualmente, pelas políticas sanitárias nacionais, à dimensão qualitativa da prestação dos serviços assistenciais oferecidos aos usuários do Sistema Único de Saúde, colocando de modo crescente a necessidade de introduzir instrumentos que avaliem o ponto de vista dos atores sociais envolvidos no cuidado em saúde⁵.

A etnografia, apoiada sob o enfoque sociológico de saúde, engloba as dimensões biológicas, estruturais e políticas dos indivíduos ao mesmo tempo que considera os aspectos histórico-culturais e simbólicos na sua realização². Dessa forma, esse método de pesquisa enfatiza a relevância de entender o mundo simbólico no qual as pessoas estão inseridas, tentando ver os fatos da maneira como elas veem e captando os sentidos que elas atribuem às suas próprias experiências.

Alguns autores brasileiros vêm utilizando essa abordagem em seus estudos: no funcionamento do sistema sanitário⁶⁻⁸, na relação médico-paciente e no ensino médico⁹⁻¹², na avaliação do Programa de Saúde da Família¹³, na investigação epidemiológica¹⁴ e na saúde coletiva¹⁵.

Autor correspondente
Renata Meira Vêras

Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Milton Santos
Universidade Federal da Bahia
Avenida Ademar de Barros, s/n PAFIII — Ondina
Salvador (BA) – CEP 40170-110
Fone: (71) 32836126
Email: renata.veras@ufba.br

Artigo recebido em 18/11/2010
Aprovado em 28/11/2010

Analisar a dinâmica institucional/discursiva de uma determinada organização de saúde exige uma postura metodológica que valorize a esfera das experiências cotidianas institucionalizadas. Cada instituição possui seu contexto organizacional próprio disposto através de um tipo de cartografia. A coordenação do trabalho e as relações de poder existentes no espaço institucional, que fazem as práticas cotidianas acontecer de certo modo e não de outro, precisam então ser analisadas como se estivessem configuradas na forma de um mapa¹⁶.

Assim, a Etnografia Institucional apresenta-se como uma perspectiva teórico-metodológica voltada, especificamente, para o estudo das organizações institucionais. Ela vem sendo desenvolvida nas últimas duas décadas em pesquisas no campo da saúde, enfocando desde o tratamento das pessoas portadoras do HIV¹⁷⁻¹⁹; o trabalho em saúde das enfermeiras nos serviços de *home care*²⁰; o processo de trabalho em saúde na nova economia²¹; a política de humanização no parto e nascimento²²⁻²⁴; o atendimento ao usuário do Programa Saúde da Família²⁵; e a saúde mental no Programa de Saúde da Família²⁶.

Nessa perspectiva, surgem alguns questionamentos em relação à aplicação dessa perspectiva teórico-metodológica: quais elementos caracterizam a pesquisa apoiada na etnografia institucional em saúde? Quais as ferramentas para sua aplicação? O que se pretende analisar com esse tipo de abordagem?

Diante disso, esse artigo tem como objetivo apontar questões relativas à utilização da Etnografia Institucional nos serviços de saúde a fim de se discutir as suas possibilidades de aplicação através de dois desdobramentos: 1) na primeira parte, procurou-se descrever o conceito da Etnografia Institucional, suas origens e suas formas de aplicação; 2) na segunda parte, apresentarei os aspectos metodológicos de minha pesquisa de doutorado, que foi desenvolvida a partir da Etnografia Institucional, realizada com profissionais e usuárias do Programa Canguru de uma maternidade pública na cidade de Natal, RN.

Não existe a intenção que esse artigo sirva de manual para os praticantes da Etnografia Institucional, mas como elucidação de discussões importantes e fundamentais para a compreensão dessa estratégia de pesquisa, que surgiram especialmente durante a referida pesquisa de doutorado.

1.1 A Etnografia Institucional: teoria, estratégias e técnicas

A Etnografia Institucional (EI) desenvolveu-se a partir dos estudos da socióloga canadense Dorothy Smith²⁷⁻²⁹ e sofreu forte influência do posicionamento epistemológico desenvolvido no âmbito dos estudos feministas, da etnometodologia de Garfinkel e do materialismo marxista.

No que concerne à produção cuidadosa e análise detalhada das descrições dos fenômenos sociais, a EI é similar a outras formas de etnografia, que procuram apenas desvelar o contexto da vida em sociedade. Entretanto, diferente de muitas pesquisas etnográficas, a institucional não foca somente nas “experiências” ou na “cultura”. Ao invés disso, seu interesse se volta para os processos de organização social. Os etnógrafos institucionais estão voltados para a exploração e a descrição das várias forças sociais e institucionais que modelam, limitam e organizam o mundo cotidiano das pessoas³⁰.

Tendo as relações sociais como ponto central de sua análise, a EI oferece um caminho para explicar de que forma o cotidiano institucional se articula com as relações sociais do amplo processo social e econômico vigente. Smith¹⁶ denomina essas relações de ‘extra locais’, que por sua vez normatizam e modelam a vida cotidiana das pessoas.

A necessidade de mapear as relações ‘extra locais’ fundamenta-se no fato de que as ideias produzidas nos espaços de trabalho contribuem para organização das práticas cotidianas. Nessa medida, a dinâmica do trabalho corriqueiro, a partir da ‘incorporação’ dessa produção extra local, tende a ser modelada e reproduzida nos espaços institucionais, pelos diferentes profissionais da saúde, de modo não reflexivo^{16,31}.

A EI almeja, portanto, investigar a interconexão entre aspectos locais da vida cotidiana e processos translocais de administração e governo que têm importante papel na organização em nível local do fazer diário das pessoas^{31,32}.

Nessa perspectiva, o etnógrafo institucional objetiva analisar uma instituição como um todo, mapeando e avaliando de que forma a vida social é organizada. Ele leva em conta as relações de poder e como o processo de trabalho é ativado. A análise é sempre direcionada a novas questões e perspectivas que podem ser sempre passíveis de reflexão^{31,33}.

Instituição nesse caso não se refere a um tipo particular de organização. Ao contrário, é o objeto de um projeto de pesquisa empírica, em que a atenção do

pesquisador deve ser voltada para investigar e entender as relações que se processam nos espaços institucionais e como os atores envolvidos as vivem e atuam. Por exemplo, ao se considerar os cuidados de saúde pública como uma instituição, o vasto campo que abrange o processo de trabalho deve ser levado em consideração, tais como: hospitais, consultórios médicos, determinantes sociais da saúde, mercado farmacêutico, planos de saúde, Governo, Ministério da Saúde, formação acadêmica dos profissionais da saúde, entre outros³¹. Ressalta-se que para a Etnografia Institucional, o contexto e a organização desse cotidiano tendem a dominar as expressões que se coordenam nas práticas corriqueiras, delimitando os saberes e os fazeres dos diferentes atores envolvidos nesse processo.

Do mesmo modo, os indivíduos também têm que lidar com variáveis que permeiam as instituições, como a posição social, o poder de decisão, os salários, as relações com o outro, a qualificação pessoal, a existência (ou não) de instrumentos de trabalho²⁸.

De acordo com Smith¹⁶, as relações sociais em geral são baseadas em *textos* que modelam as particularidades pessoais de cada indivíduo de forma normatizadas e generalizadas, coordenando as atividades diárias desses atores sociais que compõem as instituições.

Na Etnografia Institucional, os *textos* configuram-se como os usos corriqueiros que organizam as práticas sociais e dão forma à experiência local e à vida institucional, podendo ser documentos, normas, rotinas, protocolos. É a partir dos *textos* que organizamos nossos discursos e práticas, uma vez que eles atuam como chave na conjuntura entre os *settings* locais do cotidiano das pessoas e as relações normatizadas¹⁶. Desse modo, a pesquisa em Etnografia Institucional busca “mapear” esses textos a partir de uma leitura reflexiva, procurando analisar como se estrutura e se organiza o fenômeno em estudo perpassado pelas relações normatizadoras³².

Esse tipo de mapeamento analítico promovido pela EI pode esclarecer áreas de dificuldade para o atendimento nos serviços de saúde, assim como indicar direções para potenciais mudanças que interferem na vida cotidiana das pessoas^{21,31}.

Desse modo, a partir de uma problemática particular, por exemplo, analisar como se desenvolvem as práticas institucionais/discursivas no atendimento às usuárias do Programa Canguru, pretende-se entender como as práticas cotidianas são

definidas e passam a institucionalizar as formas de ação nesse contexto²³.

Na Etnografia Institucional, não existe uma receita pronta para desenvolver uma investigação, ao contrário, existe um projeto analítico que deve ser realizado em diversos caminhos. Os estudos na EI raramente são pré-definidos (quais os campos de pesquisa, quais informantes, quais textos serão analisados). O caminho vai sendo formado a partir da reflexão do pesquisador no campo de estudo³³. Contudo, existem alguns pontos de partida que podem auxiliar o pesquisador para encontrar o foco no processo de pesquisa: a problematização do objeto de pesquisa, a estruturação conceitual para o projeto de pesquisa, e o desenvolvimento dos procedimentos e instrumentos a serem utilizados³².

1.2 Problematizando o objeto de pesquisa

A Etnografia Institucional trata as experiências de vida das pessoas do mundo cotidiano como uma problemática passível de investigação. Entretanto, uma problemática em EI não é um problema relatado por um informante que necessite ser compreendido. Para Smith^{27:91}, a problematização

(...) refere-se à necessidade do pesquisador em direcionar a atenção a um possível campo de questões que provavelmente não está visível, ou um conjunto de peças que não existem na forma de quebra cabeças, mas estão latentes na atualidade do mundo cotidiano.

Portanto, para problematizar o objeto de estudo, o pesquisador deve se tornar familiar às peças do quebra cabeça. Um caminho proposto pela EI é escrever um relatório acerca do cotidiano de uma instituição. Isso geralmente requer uma preliminar imersão do pesquisador em um campo de pesquisa – conversas informais ou observações – para situar o contexto no qual as pessoas estão convivendo. Essa prática pode guiar o pesquisador para descobrir características relevantes da organização social. A descoberta de características relevantes passa a ter um significado importante, pois auxilia na melhor compreensão da organização³². Para ilustrar, vale lembrar um exemplo: nessa fase inicial da pesquisa na maternidade onde realizei meu estudo de doutorado²³, percebi que os profissionais não levavam em consideração o fato de a maioria das mães não desejarem residir na maternidade enquanto o bebê se encontrava internado na UTI. Essa problematização

não foi descoberta pelo estudo da literatura, mas sim da observação direta de uma instituição de saúde.

2. ESTRUTURAÇÃO CONCEITUAL PARA O PROJETO DE PESQUISA

Uma revisão de literatura relevante é a base para análise e crítica do que já se conhece sobre a problemática previamente analisada pelo pesquisador. Mas deve ser utilizada com cautela para não enviesar a problematização do objeto de pesquisa. Quando o pesquisador se insere numa determinada instituição através de um caminho previamente teorizado, ele acaba por provocar certa coerção, a fim de procurar elementos na realidade empírica que corresponda a seus pressupostos teóricos.

Dessa forma, cabe um questionamento: como o etnógrafo institucional usa a literatura? Sabe-se que a revisão literária ajuda os pesquisadores, em geral, a refletir sobre diferentes tipos de conhecimento, sobre seus tópicos e ajuda ainda a analisar como suas próprias pesquisas podem contribuir para o conhecimento já adquirido. Para o pesquisador que se baseia na EI, sua leitura individual é contrastada com a revisão literária que geralmente é requerida na formulação do projeto de pesquisa. Nessa etapa da estruturação conceitual do projeto, o etnógrafo institucional identifica o que já é conhecido e o que necessita ser desvelado em uma determinada organização social³².

Na minha pesquisa de doutorado, por exemplo, após constatar que os aspectos socioeconômicos e culturais não eram levados em consideração no atendimento às usuárias do Programa Canguru (e, talvez, por esse motivo a permanência das mães na maternidade se dava de forma sutilmente imposta), verifiquei que esses aspectos não são enfatizados no documento oficial do programa. Assim sendo, além de buscar na literatura material acerca do Programa Canguru e da prematuridade, também pesquisei acerca dos condicionantes sociais envolvidos na assistência à saúde.

2.2 Desenvolvendo os procedimentos e instrumentos baseados na Etnografia Institucional

O relato dos procedimentos metodológicos utilizados num estudo é geralmente requisito básico para qualquer projeto de pesquisa. Contudo, na Etnografia Institucional, uma cuidadosa descrição da opção metodológica preliminar ajuda os pesquisadores a refletirem como as questões de pesquisa podem ser

respondidas através da sua inserção no campo. Os instrumentos a serem utilizados, assim como o processo de análise, devem seguir o modelo da problemática observada pelo pesquisador e não devem ser previamente elaborados a partir da revisão literária. Essa prática os ajuda a pensarem sobre que tipo de dados eles vão necessitar, assim como os alerta a deduzirem se e como vão conseguir acessar esses dados.

Através da problematização do objeto de pesquisa, os etnógrafos institucionais passam a conhecer melhor o campo de pesquisa. De acordo com DeVault e McCoy³¹, os pesquisadores geralmente sabem o que querem explicar, mas apenas passo a passo é que eles podem descobrir quem precisam entrevistar e que textos ou discursos necessitam ser analisados.

Percebi, durante a fase de problematização do objeto de pesquisa que, além das usuárias, os profissionais também deveriam ser analisados, a fim de compreender melhor como se desenvolvem as relações de poder no Programa Canguru. Posto isso, os instrumentos mais adequados aos objetivos desse estudo, e que poderiam ser utilizados no ambiente a ser estudado, deveriam ser: a técnica da observação participante, relatada através de diários de campo, as entrevistas informais e semiestruturadas e os grupos focais. Além disso, uma análise do documento oficial que orienta a implantação e o desenvolvimento do programa também seria primordial para mapear a dinâmica complexa do atendimento nessa instituição.

Serão discutidos, a seguir, os procedimentos e instrumentos utilizados no estudo de campo da tese de doutorado supracitada, realizado com as usuárias e os profissionais do Programa Canguru de uma maternidade na cidade de Natal/RN, na perspectiva da EI.

3. COLETANDO OS DADOS: COMO OLHAR E ESCUTAR NA ETNOGRAFIA INSTITUCIONAL

Minha pesquisa foi baseada na Etnografia Institucional com o objetivo de investigar e analisar as práticas institucionais/discursivas acerca dos cuidados com o bebê prematuro e/ou de baixo peso no Programa Canguru. As primeiras observações participantes iniciaram-se em junho de 2006, com a frequência de três vezes por semana durante um mês, a fim de problematizar a minha questão da pesquisa.

A técnica de *observação participante* possibilita o contato direto do pesquisador com o fenômeno observado, conseguindo informações acerca da

realidade dos atores sociais em seus próprios contextos. O observador, como parte do contexto, estabelece uma relação face a face com os observados e, nesse processo, tem a oportunidade de modificar ou ser modificado pela situação³¹.

Dessa forma, a observação participante representa um caminho para se obter conhecimento a respeito das crenças, valores, atitudes e outros aspectos de um determinado grupo cultural. Assim sendo, segundo Campbell e Gregor^{32:71}, os relatórios pessoais dessas observações participantes “podem ser um recurso rico para a Etnografia Institucional se os pesquisadores conseguirem aprender como ver, como ouvir e compreender como as pessoas vivem e interagem no cotidiano institucional”.

Nessa perspectiva, nas observações participantes do meu estudo, busquei interagir com os profissionais e com as usuárias do programa, no intuito de participar da vida deles no seu ambiente natural de convivência. Nesse período inicial, as observações participantes podem contribuir tanto para a familiarização do processo cotidiano de trabalho na instituição como para estabelecer *rapport* com os atores sociais, levando à formação de relações sociais:

Hoje foi meu primeiro dia de observação na maternidade, fui apresentada pelo diretor à enfermeira do programa que me acompanhou e me apresentou às profissionais. A enfermeira me mostrou todo o espaço ocupado pelo programa, incluindo a UTI neonatal. Achei a enfermaria um pouco apertada, sem muito espaço para as mães caminharem. Os profissionais me deixaram a vontade para caminhar pela enfermaria e conversar com as mães, sempre se dispondo a responder qualquer dúvida. (DIÁRIO DE CAMPO, 05/06/2006).

O *diário de campo* é um instrumento básico para o etnógrafo institucional. Constitui-se em um instrumento pessoal e intransferível do pesquisador, disponível para registrar suas percepções, angústias, questionamentos e informações que não seriam obtidas por meio de outras técnicas. Ademais, muitas vezes, as entrevistas formais limitam o fornecimento de informações que podem aparecer mais facilmente nas conversas informais e situações presenciadas. Por esse motivo, as *conversas informais*, registradas também em diários de campo, servem como importante instrumento para análise dos dados, como observamos no registro a seguir:

As conversas informais com os profissionais e as usuárias foram aos poucos me auxiliando a compreender melhor as práticas cotidianas no Programa Canguru: como funciona, a rotina de atendimento, as relações entre profissionais e usuários. Por exemplo, a enfermeira X me falou um pouco da dificuldade em se trabalhar com as mães, quando apenas o trabalho dos médicos é reconhecido, pois só eles têm o poder de ‘dar alta às mães’, o que parece ter maior importância nesse contexto (DIÁRIO DE CAMPO, dia 11/08/2006).

Mykhalovskiy¹⁹ sugere que o ato de escutar as pessoas permite que o pesquisador possa compreender como o seu entendimento acerca de determinada questão se desenvolveu, diferente de situações em que o entrevistador já traz questões previamente elaboradas a serem perguntadas e respondidas. Assim, conversar com as pessoas é mais do que apenas coletar dados, cada história contada pelos informantes ajuda o pesquisador a se aprofundar no campo.

Após identificar e problematizar o objeto de pesquisa do estudo – analisar a dinâmica de funcionamento do Programa Canguru, atentando para os significados que os diferentes atores sociais (profissionais e usuárias) construíam, tanto em relação ao seu papel desempenhado no Programa Canguru quanto à assistência prestada no cotidiano da instituição –, submeti meu projeto para o Comitê de Ética do Hospital Onofre Lopes.

A revisão bibliográfica iniciou-se na fase da problematização do objeto de pesquisa e continuou durante todo o processo de pesquisa. Uma consistente seleção e revisão de literatura são relevantes para a análise e crítica do conhecimento produzido sobre os eventos explorados, o que tem ajudado a refletir sobre a temática em estudo e ainda acerca da sua forma de pensar sobre a problemática. Esse exercício de seleção e leitura na Etnografia Institucional ajuda, assim, a configurar a posição teórico-epistemológica do pesquisador no estudo.

Também realizei uma análise dos documentos oficiais relativos à implantação e treinamento dos funcionários que atuam no Programa Canguru (Atenção Humanizada do Recém-Nascido de Baixo-Peso – Método Mãe-Canguru: Manual Técnico). A análise do documento oficial baseou-se na identificação dos principais objetos discursivos sobre a maternidade e a família nesse contexto.

Paralela a esta análise, durante quase dois anos de estudo de campo (junho de 2006 a abril de 2008), desenvolvi observação participante na Maternidade

Escola Januário Cicco, em Natal, a fim de mapear o atendimento às usuárias do Programa Canguru desta instituição.

Além das observações participantes, registradas no diário de campo, também utilizei entrevistas semiestruturadas e grupos focais com alguns profissionais e usuárias do programa.

Na Etnografia Institucional, os discursos obtidos através das entrevistas funcionam como reveladores das relações de poder que modelam as experiências particulares e perpassam o contexto subjetivo dos atores sociais em questão, do qual ambos, pesquisador e pesquisados, fazem parte³¹. Dessa forma, as entrevistas semiestruturadas foram utilizadas no percurso metodológico tanto com as usuárias, quanto com os profissionais do Programa Canguru. Oito profissionais foram entrevistados individualmente: uma médica, uma enfermeira, duas técnicas em enfermagem, uma terapeuta ocupacional, uma assistente social, um psicólogo e uma estagiária de psicologia. Além disso, 11 mães também foram entrevistadas individualmente.

A seleção dos profissionais que foram entrevistados foi realizada de forma aleatória, respeitando a vontade de cada um em participar do estudo. Depois de esclarecidos os aspectos éticos e legais da pesquisa, as entrevistas individuais foram aplicadas com os profissionais, que ocorreram, em geral, no posto de saúde do Programa Canguru.

Além disso, foram realizados 3 grupos focais com os profissionais, escolhidos e convidados aleatoriamente, de acordo com a disponibilidade de participação. No primeiro grupo, participaram duas enfermeiras, uma técnica e uma estagiária de enfermagem. No segundo grupo, participaram um psicólogo, uma estagiária de psicologia e uma assistente social. E, finalmente, no terceiro grupo, participaram uma enfermeira, duas técnicas de enfermagem e uma assistente social. A média de tempo dos grupos foi de 32 minutos.

Entre as vantagens com o uso dos grupos focais, ressalta-se a possibilidade de intensificar o acesso a informações acerca de um fenômeno, seja pela intenção de gerar tantas ideias quanto possíveis ou pela averiguação de uma ideia em profundidade. Na medida em que diferentes olhares e diferentes ângulos de visões acerca de um fenômeno vão sendo colocados pelos sujeitos, isso desperta nos mesmos a elaboração de certas percepções que ainda se mantinham ausentes de reflexões³⁴.

O grupo focal difere da entrevista individual por basear-se na interação entre as pessoas para obter os dados necessários à pesquisa¹³. Suas principais vantagens sobre a entrevista individual são: coleta de dados mais rápida com um grande número de participantes, incentivo às pessoas a falarem mais abertamente sobre sentimentos, o que propicia um ambiente mais natural, produção de um efeito sinérgico nas pessoas, já que as respostas de um indivíduo podem causar uma reação nos outros³⁵.

A seleção das mães a serem entrevistadas individualmente também ocorreu de acordo com a disponibilidade delas em participar. Como a escolha foi feita aleatoriamente, elas eram solicitadas a participar da entrevista, que geralmente se desenvolvia na enfermaria, onde cada uma mantinha-se sentada na sua própria cama.

Com essas mães usuárias do Programa Canguru foram realizados seis grupos focais compostos em média por seis mães em cada grupo focal e duração média de 34 minutos. Essas também foram escolhidas aleatoriamente e de acordo com a vontade de participar.

Dessas mães que participaram dos grupos focais, apenas 4 foram entrevistadas individualmente. Além dessas, 7 outras mães (que não participaram dos grupos focais) também foram entrevistadas individualmente, somando-se 11 no total. Ressalta-se que todos os profissionais e usuárias entrevistados participaram de livre e espontânea vontade, assinando o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Nesses grupos focais, após a apresentação da pesquisadora, o histórico e os benefícios do Programa Canguru eram esclarecidos às mães (o que de imediato já estimulava a participação delas buscando mais informações e esclarecendo dúvidas acerca do tema). Depois, algumas perguntas previamente elaboradas – de acordo com os objetivos da pesquisa – iam sendo propostas, gerando sempre a participação das usuárias do serviço, o que determinava o caminho temático das discussões do grupo.

Além desses recursos utilizados, foram feitas também visitas a outros programas (Maternidade Cândida Vargas/PB, Instituto Materno-Infantil de Pernambuco - IMIP/PE, Hospital Geral de Itapecerica da Serra/SP e o Hospital Dona Estefânia em Lisboa/PT), a fim de ressaltar a importância em conhecer e discutir como o Programa Canguru funciona em outras instituições. A partir do conhecimento da forma como é administrado em outras maternidades, pôde-se refletir sobre os fatores que influenciam no caráter adotado por cada programa.

Uma vez realizados os procedimentos de coleta de dados, o etnógrafo institucional deverá não apenas esclarecer o que foi observado em campo, mas também torná-lo convincente ao leitor. Esse tipo de pesquisador deve estar atento a explicar as experiências cotidianas e os discursos das pessoas, e não apenas coletá-los e descrevê-los.

A etapa de análise na Etnografia Institucional se volta para o intuito de desvelar a forma que as relações de poder conformam as práticas cotidianas existentes em uma instituição. Para a EI, o contexto social em que as pessoas vivem molda seus comportamentos dentro da instituição. Por esse motivo, a vida social, organizada fora do contexto institucional, tem um significado crucial para a compreensão da instituição. Dessa forma, é necessário estar atento para como as pessoas falam sobre suas vidas fora das organizações sociais.

Assim, a vantagem da EI é contribuir para o pesquisador e o leitor repensarem acerca das relações de poder que modelam os discursos do contexto institucional, focalizando na produção de uma análise acerca do cotidiano dos indivíduos. Para tanto, Campbell e Gregor³² defendem que existem algumas simples, mas importantes, estratégias técnicas para escrever os dados em forma de análise. A meta é utilizar seus dados de forma persuasiva. O pesquisador deve promover um tipo de ‘conversa’ com o leitor.

Portanto, os dados não podem ser apenas categorizados de forma artificial, o que pode distorcer ou obscurecer a realidade numa determinada instituição. Cortar os discursos e dispô-los em forma de fragmentos nos resultados é totalmente perigoso por ser passível de interpretações diversas³².

Enquanto o pesquisador vai escrevendo sua análise deve ir explicando ao leitor o significado do que foi encontrado, inserindo sua explicação tanto antes quanto depois de cada informação encontrada em campo, seja em forma de diário de campo, de discursos obtidos através de entrevistas formais, conversas informais ou grupos focais.

“Tornou-se claro que por trás do interesse em manter as mães na maternidade, existia uma explicação para tal comportamento: “medo que elas não voltem”. (DIÁRIO DE CAMPO, 15/08/2007). A maioria das usuárias possuía outros filhos em casa e quanto mais tempo passavam longe do filho, aumentavam as probabilidades de elas não retornarem para buscá-lo:

É porque também a maioria é de fora e tem filhos e não tem com quem deixar, deixa com parente,

com vizinho. Aí elas vão embora e não querem voltar. Algumas voltam cheias de problema. Às vezes elas abandonam e o bebê fica um tempão na UTI até que a vara da infância atue (ENFERMEIRA EM GRUPO FOCAL).

Como fora anteriormente discutido, as condições de vida dessas mães usuárias do SUS são geralmente precárias:

Algumas eram moradoras de rua e apresentavam doenças como HIV, sífilis e DSTs. Era perceptível, e confirmado pelas profissionais, que quanto maior o grau de pobreza e o número de filhos, maiores as chances de as mães abandonarem o bebê prematuro”. (DIÁRIO DE CAMPO, 11/07/2006).

Em meu estudo no Programa Canguru, concluí que a história pessoal de cada um dos polos envolvidos no programa (usuárias e profissionais) e as condições concretas que cada instituição oferece para seu desenvolvimento implicam diretamente no modo como as relações de poder se organizam. As construções discursivas são ilustrativas da variedade de posicionamentos e perspectivas que permeiam as relações profissionais-usuários dos serviços. Por esse motivo, a aplicação do Programa Canguru, realizada através de um conjunto de práticas cotidianas específicas, confere ao programa características variáveis e nem sempre coerentes com os documentos oficiais que normatizam seu funcionamento.

Constatai também que pouca atenção é dispensada a um elemento essencial à aplicação desse programa: a mãe. A postura dos profissionais indicava a super valorização dos aspectos clínicos em detrimento da dinâmica sócio familiar das usuárias. Por outro lado, muitas vezes, os profissionais se utilizavam do poder institucional como uma forma de controle social para manter as mães desinformadas acerca da possibilidade de deixar o hospital e voltar para casa enquanto o bebê estava na UTI.

Assim, de modo geral, percebe-se que o tipo de pesquisa baseada na Etnografia Institucional tenta mapear e enfatizar o conflito de interesses e diferentes pontos de vista existentes nas relações de poder numa instituição, levando o pesquisador a refletir acerca de sua participação no estudo³³:

À medida que fui me tornando cada vez mais imersa no meu estudo, eu comecei a questionar se a colaboração e a negociação são possíveis num contexto organizacional estruturado. O meu crescente interesse despertado pela complexidade das práticas cotidianas observadas no Programa Canguru desafiou-me a refletir sobre meu papel enquanto pesquisadora. Defendo a posição de que

um estudo como esse não deve ter apenas a publicação como destino, mas deve sim contribuir como campo teórico-científico para ação política. (DIÁRIO DE CAMPO, 24/03/2008).

4. CONCLUSÃO

A proposta desse artigo foi apresentar uma perspectiva teórico-metodológica voltada para análise de pesquisas no campo da saúde que enfatize o cotidiano das organizações institucionais.

A metodologia proposta nesse artigo permite que o pesquisador desenvolva o estudo como um todo, de uma maneira diferenciada. Os achados dos estudos baseados em EI não se baseiam em regras objetivas, ao contrário, capacita o pesquisador a desenvolver uma análise crítica acerca das relações de poder e das práticas normatizadas presentes nas instituições de saúde. O conhecimento sobre essa perspectiva teórico-metodológica pode contribuir na formação de uma consciência política nos indivíduos, colaborando para aumentar a reflexão crítica dos mesmos acerca das relações cotidianas no mundo, as quais envolvem poder e dominação.

Contudo, Smith²⁷ alerta para o fato de que esse tipo de estratégia pode se tornar meramente acadêmica se ela for contaminada pelas relações do discurso acadêmico. Esse alerta pode se tornar um desafio para os etnógrafos institucionais evitarem se tornar institucionalizados, privilegiando os discursos baseados em relações de poder de uma determinada classe, ou gênero, ou orientação sexual ou raça.

Assim, enfatiza-se que é responsabilidade dos etnógrafos institucionais a produção de textos que expressem o ponto de vista dos atores sociais institucionalizados, de modo a tornar esses discursos disponíveis para aqueles que precisam entender as relações de poder e dominação nas instituições de saúde. Essa estratégia pode contribuir para os governantes e cidadãos comuns utilizarem esses conhecimentos como base para o desenvolvimento de estratégias políticas, visando à melhoria do bem-estar coletivo.

Agradecimentos

A autora agradece ao apoio financeiro da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES, ao Canadian Bureau for International Education (CBIE) pelo intercâmbio na Faculty of Medicine at Memorial University of Newfoundland, Canadá e a Martha Azucena Traverso-Yépez, pela orientação e

tempo dispensado aos estudos acerca da Etnografia Institucional.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. Meyer J. Qualitative research in health care: using qualitative methods in health related action research. *BMJ* 2000; 320: 178-181.
2. Minayo MCS. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo: Hucitec; 2008.
3. Eisenberg L. Disease and illness: distinctions between professional and popular ideas of sickness. *Culture, Medicine and Psychiatry* 1977; 1: 9-23.
4. Canguilhem G. O normal e o patológico. Rio de Janeiro: Forense Universitária; 1943.
5. Caprara A, Landim LP. Etnografia: uso, potencialidades e limites na pesquisa em saúde. *Interface – Comunic Saúde Educ* 2008; 12(25): 363-76.
6. Andrade GRB, Vaitsman J. Apoio social e redes: conectando solidariedade e saúde. *Ciênc Saúde Colet* 2002; 7(4): 925-34.
7. Atkinson SJ. Anthropology in research on the quality of health services. *Cad. Saúde Pública* 1993; 9(3): 283-99.
8. McCallum C, Reis AP. Re-significando a dor e superando a solidão: experiências do parto entre adolescentes de classes populares atendidas em uma maternidade pública de Salvador, Bahia, Brasil. *Cad. Saúde Pública* 2006; 22(7): 1483-91.
9. Nations MK, Gomes AMA. Cuidado, “cavalo batizado” e crítica da conduta profissional pelo paciente-cidadão hospitalizado no nordeste brasileiro. *Cad. Saúde Pública* 2007; 23(9): 2103-12.
10. Bonet O. O saber e sentir: uma etnografia da aprendizagem da biomedicina. Rio de Janeiro: Fiocruz; 2004.
11. Menezes RA. Etnografia do ensino médico em um CTI. *Interface – comunic saúde educ* 2001; 5(9): 117-30.
12. Nunes M. (Dissertação). Da clínica à cultura: uma etnografia da relação terapêutica no contexto PSI na Bahia, Brasil. Universidade Federal da Bahia, Salvador. 1993.
13. Trad LAB. Grupos focais: conceitos, procedimentos e reflexões baseadas em experiências com o uso da técnica em pesquisas de saúde. *Physis Rev Saúde Coletiva* 2009; 19(3): 777-796.
14. Almeida Filho N, Vasconcelos SLA, Stangler FA, et al. Etnografia da prática epidemiológica em dois estudos de avaliação. Salvador: ISC/UFBA. (No prelo)
15. Paim JS, Almeida Filho N. Saúde coletiva: uma nova saúde pública ou campo aberto a novos paradigmas? *Rev Saúde Pública* 1998; 32(4): 299-316.
16. Smith DE. *Institutional ethnography: sociology for people*. Lanham: Altamira Press; 2005.
17. Bresalier M, Gills L, McClure C, McCoy L, Mykhalovskiy E, Taylor D, Webber M. Making Care Visible: antiretroviral combination therapy and the health work of people living with HIV/AIDS. Toronto: Canadian HIV/AIDS Clearinghouse. Project Team; 2002.
18. McCoy L. HIV Positive Patients and the Doctor-Patient Relationship: perspectives from the margins. *Qualitative Health Research* 2005; 15(6): 791-806.
19. Mykhalovskiy E. Beyond decision making: class, community organizations, and the health work of people living with HIV/AIDS contributions from institutional ethnographic research. *Med Anthropol* 2008; 27(2): 136-63.
20. Diamond T. Making Grey Gold: narratives of nursing home care. Chicago: University of Chicago Press; 1992.
21. DeVault ML. People at work – life, power and social inclusion in the new economy. London: New York University Press; 2008.
22. Morais FRR. (Tese). A humanização no parto e no nascimento: os saberes e as práticas no contexto de uma maternidade pública brasileira. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal. 2010.

23. Veras RM. (Tese). Práticas institucionais/discursivas acerca dos cuidados com os bebês prematuros e/ou de baixo peso: o Programa Canguru. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal. 2010.
24. Veras RM, Traverso-Yépez MA. A maternidade na política de humanização dos cuidados ao bebê prematuro e/ou de baixo peso – Programa Canguru. *Revista Estudos Feministas* 2010; 18(1): 61-80.
25. Traverso-Yépez M A, Morais, A S, Cela M. Construções discursivas acerca do usuário do Programa Saúde da Família. *Psicologia Ciência e Profissão* 2009; 29(2): 364-379.
26. Azevedo LFM. (Tese) Nervos: rede de discursos e práticas de cuidado na atenção básica no município de Natal/RN. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal. 2010.
27. Smith DE. *The everyday world as problematic: a feminist sociology*. Boston: Northeastern University Press; 1987.
28. Smith DE. *Texts, facts, and femininity: exploring the relations of ruling*. London and New York: Routledge; 1990.
29. Smith DE. *Writing the social: critique, theory, and investigations*. Toronto: University of Toronto Press; 1999.
30. Mykhalovskiy E, McCoy L. Troubling ruling discourses of health: using institutional ethnography in community-based research. *Critical Public Health* 2002; 12(1): 17-37.
31. DeVault ML, MCCOY L. Institutional Ethnography: Using Interviews to Investigate Ruling Relations. In: Gubrium FJ, Holteins JA. (org). *Handbook of Interview Research*. Thousand Oaks/London: Sage; 2002. p. 751-776.
32. Campbell M, Gregor F. *Mapping social relations. A primer in doing institutional ethnography*. Ontario: Garamond Press; 2008.
33. Carrol WK. Marx's method and the contributions of institutional ethnography. In: Frampton C, Kinsman G, Thomson A D, Tilleczek D. (org). *Sociology for changing the world: social movements/social research*. Halifax: Fernwood; 2006. p. 232-45.
34. Dall'Agnol CM, Trench MH. Grupos focais como estratégia metodológica em pesquisas na enfermagem. *Rev Gaúcha Enferm* 1999; 20(1): 5-25.
35. Woodilla J. Workplace conversations: the text of organizing. In: Grant D, Keenoy T, Osrick C. (org). *Discourse and organization*. London: Sage; 1998. p. 31-50.